
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ
NAS CONVERSÇÕES
MEDIADAS PELO FACEBOOK
ENTRE PROFESSORES
INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS
EM FORMAÇÃO CONTINUADA

Arlinda Cantero Dorsa¹

Maria Cristina Lima Paniago²

Rosimeire Martins Régis dos Santos³

Resumo: *Nesse artigo, apresentamos a discussão sobre as questões tecnológicas, de interação e dialogismo e analisamos o uso das estratégias de polidez, nas conversções mediadas por computador (CMC) em interações ocorridas na rede social facebook. Os participantes da formação são pesquisadores de uma universidade privada de Mato Grosso do Sul, pertencentes ao GETED, e professores de uma escola indígena de Taunay, município de Aquidauana/MS. Os resultados apontam que a aprendizagem com os pares é evidenciada como uma estratégia positiva de interação e inclusão desses professores indígenas Terena, fortalecendo e ampliando seus saberes e fazeres, respeitando suas realidades específicas e particularidades.*

Palavras-Chave: *Formação Continuada de Professores. Estratégias de polidez. Redes Sociais. Professores Indígenas e não indígenas.*

-
- 1 Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Vice-líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED); Professora e vice-coordenadora do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: acdorsa@uol.com.br
 - 2 Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED); professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: cristina@ucdb.br
 - 3 Doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED); Professora de cursos de Pós Graduação da UCDB/Virtual e Professora a Distância (Agente Pública Temporária do IFMS). E-mail: profarosimeireregis@hotmail.com

Recebido em outubro de 2014.

Nesse artigo, analisamos o uso das estratégias de polidez, nas conversações mediadas por computador (CMC) em interações ocorridas na rede social *facebook* ao longo de uma formação continuada intitulada “Formação Tecnológica Continuada de Professores Indígenas e Não Indígenas em Comunidade Virtual e Multicultural: Interconectividade e Colaboração”, subsidiada pelo CNPq e FUNDECT (MS).

Os participantes da formação são professores e alunos pesquisadores de uma universidade privada do Estado de Mato Grosso do Sul, pertencentes ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED), e professores de uma escola indígena do distrito de Taunay, município de Aquidauana/MS, da etnia Terena.

A referida formação combina momentos presenciais e virtuais com o objetivo de discutir, problematizar, partilhar experiências, conceitos, teorias e práticas relacionadas à inserção das tecnologias e redes sociais no contexto educacional.

O recorte aqui estabelecido volta-se aos momentos virtuais, ou seja, as conversações desenvolvidas na rede social *facebook*, no grupo intitulado “Formação continuada tecnológica: Linguagens, Saberes e Interculturalidade” durante os anos de 2013 e 2014 com foco na seguinte questão: quais são as estratégias de polidez utilizadas nas conversações e suas implicações na manutenção ou não do diálogo?

Para discutir estratégias de polidez, faz-se necessário trazer os conceitos de polidez de Brown e Levinson (1987) e Leech (2000) que servirão de aporte teórico para uma metodologia qualitativo-interpretativa, sob a perspectiva da sociolinguística interacionista.

Para tanto, iniciamos com a discussão sobre as questões tecnológicas, de interação e de dialogismo. Em seguida, trazemos uma historicidade sobre polidez, a noção de face e a teoria de polidez. Por fim, analisamos as conversações realizadas no contexto da formação continuada.

AVANÇOS TECNOLÓGICOS, INTERAÇÃO, DIALOGISMO

As mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos têm proporcionado novas relações comunicativas e novas formas de veiculação das informações a partir das possibilidades de conexões virtuais à nossa disposição. Cada vez mais os usuários de internet estão se comunicando via *email*, fóruns, *blogs*, redes sociais, listas de discussão, *whatsApp*.

Nesse contexto, Marcuschi (2005, p. 33) ressalta que há no espaço virtual “novas formas de comunicação, principalmente escrita” e neste espaço, utilizamos “os recursos midiáticos de texto e imagem, oferecidos por softwares cada vez mais sofisticados, que incorporam sons e imagens em movimento”.

Sabemos que as TIC e os ambientes digitais de aprendizagem estão se expandindo para além dos computadores. “[...] novas formas híbridas – computadores portáteis, *palms*, agendas eletrônicas, telefones celulares de última geração, relógio de pulso etc.” (KENSKI, 2007, p. 120), ou seja, com todas essas possibilidades de equipamentos e interfaces tecnológicas¹, não podemos negá-las no contexto educacional e podemos assumir uma postura crítica em relação ao seu uso e criar novas disciplinas e atividades utilizando desses recursos no processo de ensino e aprendizagem na escola, na universidade.

Acreditamos que as tecnologias, tal como a Internet e as redes sociais, oferecem possibilidades de transformação em nossas relações com os outros e que a conectividade que elas proporcionam é central no nosso dia a dia. Novas maneiras de estar juntos e interagir emergem nos ambientes virtuais, propiciando diferentes possibilidades de produzirmos conhecimentos que sejam pertinentes e adequados à realidade contemporânea na qual estamos inseridos.

A interação constitui, assim, o veículo principal na produção do sentido da enunciação, pois ele não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores e sim no efeito da interação entre o locutor e o receptor, produzido por meio de signos linguísticos.

O interagir um com os outros é construído continuamente, é uma aprendizagem, um processo complexo e inacabado. Há uma dinâmica própria marcada pelo conjunto de ações e reações de ambos os interlocutores, “cada um interpretando e reinterpretando os atos próprios e os dos outros”. (CAJAL, 2001, p. 128)

Pensamos que as redes sociais virtuais na educação são um importante recurso de comunicação, interação e compartilhamento de ideias, informações e conhecimentos de forma colaborativa e, por estas características, tornam-se uma importante ferramenta que podem ser pesquisadas e exploradas potencialmente na área educacional. Ampliam essa discussão Soares e Almeida (2006, p. 3), ao afirmarem que:

Uma rede virtual ou um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem.

Indo ao encontro da perspectiva interativa, o dialogismo proposto por Bakhtin (2000) pontua que o locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor. Esta atitude requer deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte. De outro lado, quando recebemos uma enunciação significativa, esta nos propõe uma réplica: concordância, apreciação, ação, etc. Podemos, então, problematizar tal atitude também em contexto mediado pelas tecnologias e redes sociais.

Assim sendo, cabe ao professor apropriar-se criticamente das tecnologias de informação e comunicação (TIC) refletindo sobre suas possibilidades, propondo atividades e estratégias diferenciadas ao utilizar essas redes.

Cabe-nos considerar todas estas questões também em contextos culturais diferenciados, como por exemplo, em uma cultura indígena. Consideramos que viver a cultura indígena como qualquer outra cultura é viver em diálogo, com diferentes condições de vida locais, de respeitar as suas diferenças ao direito de uso, costumes e tradições, de saberes, de valores, de práticas sociais, ambientais e educativas. De acordo com Lopes e Tavares (2013, p. 71), ser dialógico é viver o diálogo (FREIRE, 1983, p.43). Não é invadir ou manipular. Ser dialógico é estar engajado à constante transformação da realidade. Ainda destacam as pesquisadoras referindo-se à Freire (1983, p.52), “[...] que a intenção do diálogo é problematizar o próprio conhecimento na sua realidade concreta, ou seja, entendê-lo melhor, explicá-lo e transformá-lo”.

Nesse sentido, no entendimento de dialógico, as autoras fazem algumas provocações no sentido de pensar a mistura do velho com o novo, associado à transformação do contexto, ou seja, há necessidade de se olhar para o local situado para entendê-lo melhor, explicá-lo e transformá-lo.

Como nos lembra Freire (1992, p. 118), “o diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam

sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro”.

Assim, enquanto as formas de vida e a cultura dos professores indígenas Terena são valorizadas na formação continuada, a identidade desses professores na rede social é reconhecida como um espaço de luta e contestação para viver em um mundo de grandes e rápidas mudanças. Nesse contexto:

Nas tantas redes de conhecimentos e significados que tecemos ao nos relacionarmos com outros seres humanos e que vão nos formando e marcando de modo diferenciado, estão aquelas que, como pesquisadores/pesquisadoras traçamos em nosso trabalho cotidiano de desvendar a “realidade” que inclui: os espaços tempos de viver nas redes educativas, criando-os permanentemente; as relações que estabelecemos com as pessoas que nelas estão – a que Certeau (1994) chama de praticantes – e que nos permitem criar conhecimentos e significados, sempre. (ALVES, 2007, p.03)

Infere-se dessa discussão, que quando interagimos nos espaços virtuais provocamos discussões, ampliamos a extensão do lugar, da cidade, do país, da escola, da universidade. As tecnologias digitais de rede possibilitam criatividade, compartilhamento e colaboração entre as pessoas, permitindo experiências significativas de aprendizagem nos diferentes espaços tempos, ao mesmo tempo, experiências de formação continuada, potencializando o diálogo, a autoria coletiva e a partilha de sentidos.

TEORIA DA POLIDEZ E NOÇÕES DE FACE: ALGUMAS CONCEITUAÇÕES

A palavra ‘polidez’ de acordo com o significado do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) é definida: i qualificação ou estado de polido; ii delicadeza, cortesia, civilidade, urbanidade; iii tom de voz, formas de tratamento, chamamento pelo prenome ou pelo sobrenome de acordo com estudos linguísticos.

Insere-se esse estudo no âmbito da sociopragmática, nascida no final dos anos 70, com o interesse voltado ao funcionamento da polidez nas interações verbais e relações interpessoais.

Dentre as principais proposições teóricas sobre a polidez, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), na obra “Dicionário de Análise

do Discurso”, há os estudos contributivos de Lakoff (1973) que traz acréscimos à proposta de Grice sobre as Máximas conversacionais da: qualidade, quantidade, relevância e modalidade. Amplia essa discussão Lakoff (1973), pois segundo o autor há três regras: formalidade (não se imponha, mantenha distância); hesitação (deixe a escolha para seu interlocutor); camaradagem (aja como você e seu parceiro fossem iguais).

Ainda segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), outra contribuição é proposta por Leech (1983) que acrescenta às máximas de Grice, outras máximas baseadas em delicadeza, generosidade, aprovação, modéstia, acordo e simpatia.

Cabe-nos questionar e problematizar todas estas máximas em contextos permeados pelas TIC, pois todos os elementos comunicacionais estão envolvidos no uso da palavra e, se levarmos em conta todas as mudanças nas relações de tempo e espaço provocadas pelo avanço tecnológico, precisamos repensar as nossas relações e formas comunicacionais para que possamos compreender e nos comunicar de uma maneira mais significativa.

Ao afirmar que “cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e receptor tiveram de interpretá-las”, Bourdieu (1996, p.27) enseja que as estratégias de polidez apresentadas por Brown e Levinson (1987) propiciam as bases para a discussão dessa temática.

A polidez pode ser considerada então, um conjunto de estratégias utilizadas na nossa fala para que haja uma comunicação sem conflitos e por não seguir padrões nem regras fundamentadas, consegue conectar-se a variáveis multifacetadas de ordem cultural, social e linguística na busca da interação. Pode ser vista como necessária ao letramento digital, de acordo com as orientações da UNESCO para os países em desenvolvimento.

Neste contexto, a polidez se relaciona com a competência comunicativa e simultaneamente com a competência linguístico digital que visa conhecer as normas de comportamento verbal, em uma comunidade a partir da interação verbal fundamentada em três elementos contextuais: o ambiente espaço temporal, a finalidade e os participantes da comunicação, além de requerer do falante o domínio dos mecanismos de competência comunicativa e digital do ambiente virtual a ser utilizado.

Quando se fala da competência linguístico digital, entende-se que o falante deve utilizar as normas de convivência virtual, neste aspecto é

que a teoria da polidez se insere para se evitar que tal desconhecimento venha a gerar um entrave na comunicação nesse tipo de ambiente.

Neste artigo, temos por base a teoria da polidez desenvolvida por Brown e Levinson (1978, 1987), sendo assim, pretendemos demonstrar como as estratégias sócio-interacionais junto às estratégias discursivas de polidez podem ser aliadas positivas nas interações socio-culturais comunicativas.

Nestas situações contextuais, as regras de polidez têm um funcionamento positivo ao atenuarem com diferentes estratégias, as chamadas ameaças à face no processo comunicativo. Tais regras na verdade fazem parte de uma etiqueta social implícita que deve ser cumprida pelos interlocutores, pois quando há quebra, cria-se um conflito que necessariamente implica uma negociação que pode ser favorável ou não entre os interlocutores.

Com base nessas considerações, Brown e Levinson (1987) introduzem as noções de polidez positiva, com a preocupação em manter a autoimagem frente aos interlocutores a partir do momento que haja proximidade entre falante e ouvinte e, a polidez negativa, quando ocorre distanciamento entre os interlocutores.

Para os autores, a teoria da polidez relaciona-se com o conceito de imagem pública, pois há uma relação entre o uso da linguagem e o contexto social nas mensagens entendidas como atos de fala intencionados. Na concepção dos autores, três fatores são responsáveis: i. o poder relativo do ouvinte sobre o falante; ii. a distancia social ou grau de familiaridade entre os interlocutores; iii. o grau de imposição de um ato comunicativo.

Estes fatores, de acordo com a concepção de Godoi (2008, p. 58) “afetam qualquer tipo de troca verbal, pois há na interlocução o poder relativo dos interlocutores de acordo com a força da imposição dos atos comunicativos que são sempre potencialmente ameaçadores”.

Para Brown e Levinson (1987) as estratégias de polidez positiva podem ser manifestadas de diferentes formas: i. manifestação de atenção, simpatia, interesse, aprovação com o interlocutor; ii. atitude de entendimento e de clareza ao que o interlocutor diz; iii. inclusão do falante/ouvinte na mesma atividade com o sentido de interação/inclusão; iv. busca constante de acordo evitando portanto, o desacordo; v. intensificação do interesse pelo outro.

Em contraponto, evidenciam as estratégias de polidez negativa quando há: i. uso de expressões impositivas, não comprometidas com

o outro; ii. uso de expressões evasivas, desculpas, pessimismo, expressões indiretas; iii. impessoalidade do falante/ouvinte.

Os autores também postulam as chamadas estratégias de polidez indiretas às manifestações que envolvem: i. uso de pressuposições, ironias, perguntas retóricas; ii. atitudes que demonstram a vaguidão, a supergeneralização, a incompletude.

Leech (2000) resgata a teoria da polidez ao ampliar o conceito de Grice quanto às máximas conversacionais e ao apresentar dois tipos de escala de polidez: i preocupação do falante com o interlocutor e com sua reação frente à pergunta (máxima do tato); ii repetição frasal até a aceitação do interlocutor (máxima da generosidade); iii. uma das mais comuns, sem diferenciações culturais - (máxima da aprovação); iv. para algumas culturas, a maximização de expressões que visam o ataque da própria face é mal visto - (máxima da modéstia); v. aumento do acordo entre os falantes para diminuir a discordância, o mal entendido - (máxima da concordância); vi. inclusão dos atos de fala que vão da felicitação à condolência - (máxima da simpatia).

Segundo o autor, o princípio da polidez embora esteja num *continuum*, pode se transformar em (im)polidez rompendo as regras de convivência pois a interação necessária requer percepção, seleção, interpretação em cada situação de comunicação particular, integrando os elementos linguísticos necessários de cada interlocutor no uso das estratégias adequadas para o sucesso comunicativo.

Quando se aborda a questão da polidez no contexto do uso do *facebook*, como *locus* de um grupo de pesquisa, em um espaço definido educacional, em que a interação social entre os interlocutores objetiva a intenção de aprender, compartilhar ideias, ter acesso à informação, é importante refletirmos que as normas de polidez são universais. Em todas as sociedades existem regras de conduta nos relacionamentos e estas precisam ser cumpridas pois, segundo Kerbrat-Orecchione (2006, p.80), quando violadas, “[...] a perda da face é uma falha simbólica que tentamos evitar, na medida do possível, a nós mesmos e aos outros”.

DAS ANÁLISES OBTIDAS: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

Utilizamos como material de análise as postagens e comentários realizados no período de 2013 a 2014, no grupo de formação continuada, existente na rede social *facebook*. Fizemos um recorte de depoi-

mentos que se remetem a comentários realizados em relação aos temas tratados ao longo da formação envolvendo os professores e alunos pesquisadores não indígenas de uma universidade privada e professores indígenas. Os comentários se identificam por C1, C2, C3.....e as provocações por P1, P2, P3, assim por diante.

Os diálogos destacados nos possibilitam construir um quadro real das interações e negociações como observados a seguir:

P1 – PESQUISADORA - Como poderíamos trabalhar esse poema, utilizando as tecnologias de informação e comunicação com os nossos alunos? Qual a sua ideia? Poema: A Escola é (Paulo Freire).

C1 - Bom, para o primeiro momento, eu iria propor uma pesquisa na net sobre outros autores com o mesmo título. Depois pediria que fizessem um desenho no excel sobre a escola.

C2 - Pesquisar e propor uma produção textual de acordo com o conhecimento de cada aluno as possibilidades são inúmeras.

Quando iniciada a P1 por uma professora não indígena, componente do grupo em processo de formação continuada, foi utilizada uma estratégia positiva de interação ao chamar para continuidade ao diálogo, provocando a manifestação de interesse e de atenção dos professores não indígenas sobre assuntos relacionados às práticas pedagógicas com a inserção das TIC.

Na P1, pode-se retomar a visão de Leech (2000) ao resgatar a teoria da polidez a partir das máximas de Grice: a máxima do fato, ou seja, a pre-ocupação do falante com seu interlocutor e sua reação frente à pergunta.

P2 PESQUISADORA- Como poderíamos organizar uma reunião virtual com vocês? Qual o melhor dia e horário? Que ferramentas e recursos poderíamos utilizar? Quais as sugestões? Assunto para discutirmos na reunião: o notebook na prática pedagógica, na formação continuada e no dia a dia.

C3 – O melhor dia seria na 5ª ou 6ª à noite e a ferramenta o notebook para sabermos como utilizar os recursos que ele nos oferece.

C4 - A ferramenta chamada Computador eu não sei se é felizmente ou infelizmente, mas é um mal necessário para o nosso estudo, pois é através dela que podemos ampliar os nossos conhecimentos para escrever os nossos artigos, dissertações e teses e podemos ir além do mais, dependendo de como usamos essa ferramenta!!!!!!!!!!!!

A P2 também apresenta uma estratégia positiva de inclusão e interação dos docentes ao possibilitar não só a flexibilidade de escolha dos dias de formação como também provocar a interação de saber ouvir o outro no sentido de negociação. O C3 demonstra o resultado efetivo e positivo da P2 ao apresentar total interação, no diálogo provocado. Já o C4 demonstra implicitamente uma estratégia negativa, ao referenciar o computador como um “mal necessário”. Ainda que apresente de forma implícita o aspecto negativo da tecnologia, deixa claro também o papel positivo das ferramentas, especificamente o celular, como facilitador das atividades educacionais.

Há por parte do C4, aparentemente um rompimento das regras, ou seja, uma (im)polidez ao utilizar essa expressão ‘mal necessário’, em razão do contexto da discussão. Entretanto, o C4 acaba dimensionando a ferramenta como forma de ampliação de conhecimento além de demonstrar completa interação e liberdade com o interlocutor de poder expressar seu pensamento.

P3 – Pesquisadora - Compartilho um livro virtual: Retórica digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada pelo computador. Antonio Carlos dos Santos Xavier. Disponível em: <http://www.pipacomunica.com.br/retorica-digital/ebook-retorica-digital-Antonio-Carlos-Xavier.pdf>.

C5 - Realmente antes só existia a língua falada e escrita para se comunicar e se expressar, mas hoje já está se utilizando várias ferramentas como celular, por este aparelho que estou usando agora, etc. por ai vai. A internet tem facilitado muito.

C6 – O livro traz as formas de linguagens que para nós é um grande desafio, primeiro porque temos a maior dificuldade de acesso às tecnologias, depois porque mexe com a nossa identidade, mas temos que inovar. Imagina somente lousa, giz e livro, cansativo né!!!

C7 - Com certeza giz e lousa é cansativo para qualquer pessoa, tenho certeza que interesse não falta para alguns dos professores, mas como se trabalhar isso se a escola não tem, não oferece condição para se trabalhar com a tecnologia?

No uso da estratégia de compartilhar um livro virtual, a P3 possibilitou uma manifestação de interesse e de inclusão ao propiciar uma reflexão crítica e contextualizada com a realidade vivente dos docentes indígenas, demonstrada tanto nos C5, C6 e C7, com relação aos desafios que as TIC trazem junto a elas.

Para Levinson (1983), a noção de polidez positiva está relacionada à imagem pública e um dos fatores importantes nessa estratégia, é o poder relativo do ouvinte, no caso, uma das pesquisadoras à frente dos falantes ao direcionar uma leitura que exige dos interlocutores uma posição de inovação. O C6 ao retomar nesse contexto, a dificuldade de acesso às tecnologias e a preocupação do fortalecimento da própria identidade, traz por meio de uma (im)polidez indireta, a preocupação de não esquecer o passado e dialogar com o presente, ainda que ele represente os desafios a serem enfrentados.

Como pontua Freire (1983) a intenção do diálogo é problematizar o próprio conhecimento na sua realidade concreta, pois o diálogo não conserva apenas a identidade, mas a defende, em tal perspectiva é que ocorre o crescimento dos indivíduos.

P4 – Pesquisadora- Convido todos vocês a lerem o texto de Mía Couto e seu colar de miçangas incomuns, onde destaca, sobretudo: [...] É isso que me faz feliz em ser escritor, é, sobretudo, eu ter feito contas com minha identidade, dizendo assim: “eu não sou uma única pessoa, sou várias, ao mesmo tempo sou tudo isso, tem uma parte negra, uma parte branca, uma parte mulher, uma parte homem, uma parte cientista, uma parte poeta”.

C8 - realmente é verdade, pois vivemos em um país miscigenado onde existem varias culturas, raças e línguas diferentes e que também a nossa palavra ela tem um poder tão grande entre as pessoas que precisamos é saber conduzi-las.

C9 – Isso é uma realidade, pois temos que nos adaptar ou incorporar identidades de acordo com a realidade em que nos encontramos, situações vivenciadas seja dentro das aldeias ou fora delas...

Há nos comentários C8 e C9, uma estratégia positiva de interação, reflexão e diálogo com o outro, no caso o texto sugerido como leitura, representando um reforço da questão da identidade cultural e a vontade de superar as dificuldades frente a essas diversidades de crenças, costumes e cultura, inclusive tecnológica, na situação da vida cotidiana. O C09 traz mais um reforço à questão da identidade cultural, pois ao afirmar a não preocupação com o português correto, diminui o chamado policiamento linguístico, ou seja, a obrigação de falar e escrever seguindo regras gramaticais impostas pela norma culta.

Há nesse trecho, de acordo com a estratégia de polidez de Levinson (1983) uma atitude de entendimento e de clareza quanto à possibilidade de interação à questão identitária indígena vista não só em relação aos seus aspectos culturais como também linguísticos.

P5 PESQUISADORA - Qual a sua opinião referente ao facebook na educação?

C10 - Não tem como fugir da tecnologia, mesmo porque ela está no nosso dia a dia, seja em casa, na rua, no trabalho, nas escolas, necessitamos dela para usos pessoais e gerais. enfim devemos saber e aprender a usa-la e não descarta-la!!!

C11 - Penso que o face tem muita coisa boa relacionada à educação, que podemos aprender muito, é só saber selecionar.

C12 - Trabalhar usando o face uso da escrita na revitalização da língua terena.

Quando provocados em relação à inserção das redes sociais no contexto educacional pela P5, os três comentários, problematizam seus usos e suas apropriações, os quais devem ser seletivos e críticos. Inclusive, há uma proposta de uso no sentido de fortalecer sua identidade indígena, por meio da revitalização linguística. A rede social é vista como um lugar, mesmo que virtual, de (co) produção de valores, costumes, conhecimentos e linguagens.

A inserção da teoria da polidez na competência linguística digital explicita os elementos contextuais, ou seja, o ambiente espaço temporal, a finalidade e os participantes da comunicação, colocando-se em contato diferentes maneiras de pensar e de sentir próprios do grupo num processo dialógico de saberes.

P5 PESQUISADORA - Compartilho um vídeo² com relato de um acadêmico indígena da etnia Terena sobre a vida na universidade.

C13 - a permanência dos acadêmicos indígenas na Universidade é uma questão que deve ser sempre debatida em nosso meio, fazer essas provocações e tentar mostrar que é difícil, mas não impossível, vejo que a maior dificuldade é o contato, principalmente por ser um contexto diferente pra esse jovem onde sentem excluídos ou até incapaz de dar continuidade, por depararem com pessoas diferentes onde acabam por desistirem, como educador me sinto responsável em ajudá-los nesse sentido.

C14 - A permanência dos acadêmicos indígenas nas Universidades é a questão financeira as dificuldades existem esse é o principal motivo é a falta de dinheiro e outros.

C15 - Consideramos importante acolher modos próprios de construção do conhecimento e transmissão do saber indígena, respeitando suas realidades específicas e particularidades.

A P5 traz à tona a discussão sobre a permanência de indígenas nas universidades, algo que precisa ser debatido, problematizado, pois se evidencia como uma dificuldade, a ser superada. O espaço na rede social pode ser observado como um local de luta e contestação pelo direito ao reconhecimento da própria identidade em um processo de mediação.

A estratégia da polidez consegue se conectar as variáveis multifacetadas de ordem cultural, social e linguística que passam permanentemente por ressignificações.

P7 PESQUISADORA - Se pensarmos na rede social como um ponto de encontro entre culturas que prioriza o diálogo e diferentes saberes, entendemos que é um processo que aproxima à perspectiva da interculturalidade como pontua Walsh (2001, p. 10-11): “[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade”.

C16 - Com certeza, diálogo de saberes.

C17 - Com certeza, uma relação mútua que não discrimina credo, religião e raça.

C18- O acesso à informação, a leitura, as novidades e desenvolvimento que acontecem no mundo são de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual de cada um, independente da maneira que vive se é na cidade, no campo ou em uma aldeia, no entanto é preciso respeitar as diferenças, as especificidades de cada um. O conhecimento se constrói a partir dessas diferenças.

Há uma discussão sobre as questões relacionadas à interculturalidade, provocada pela P7, trazendo um excerto de Walsh (2001). Os C16, C17 e C18 acentuam a questão do diálogo, da não discriminação, das diferenças e especificidades de cada um. De acordo com os comentários, as diferenças são essenciais para a construção de conhecimento.

O contexto aproxima-se do pensamento de Cajal (2001) ao afirmar que a interação com o outro(s) revela aspectos de aprendizagem contínua de valorização dos saberes e experiências percebidas no grupo de formação continuada por meio das TIC.

P8 Pesquisadora– (Desafio de uma professora Indígena) Eu preciso de ajuda para traduzir. Isôti; Ape pòhuti hòyeno isóti xapa sápara. Koati isóti koítuketi motovati kavánea pitivikoke motovati vanexea nikokónoti omópone xapa xeéxaxapa.

C19 - Você provocou buscar informação da língua terena que pertence à família Aruak. Falada por aproximadamente 12.000 pessoas que habitam a região sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, principalmente nos municípios de Aquidauana e Miranda. Olha o que eu encontrei: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcns/.../AprTE-V1.pdf>.

É um passo/desafio para somar as 12.000 pessoas que falam a língua.

C20 - Isôti; carpindo

C21 - Ape pòhuti hòyeno isóti xapa sápara. Havia um certo homem que estava carpinando o seu milharal

C22 - Koati isóti koítuketi motovati kavánea pitivikoke motovati vanexea nikokónoti omópone xapa xeéxaxapa. Este homem capinava, era muito trabalhador, pois queria vender suas mercadorias na cidade, pra comprar alimentos pro seus filhos!!!

C22 - Eis aí a tradução....é mto difícil fazer as traduções ao pé da letra!!!

A P8 desafia os participantes da formação continuada para uma atividade de tradução de um excerto da família linguística Aruak à língua portuguesa. Tal proposta provocou buscas, pesquisas, discussões sobre a cultura indígena, seus ancestrais, suas questões geográficas e linguísticas. Além disto, fez com que os participantes da formação refletissem sobre a questão da tradução, um processo que vai além da mera codificação e decodificação de símbolos, mas uma necessidade de entendimento de mundo, de interpretação e significação de múltiplos sentidos.

Dialoga com esse contexto, Marcuschi (2005), ao afirmar que no espaço virtual surgem novas formas de comunicação no uso de recursos midiáticos que vão além e que possibilitam complementar informações, buscar, pesquisar, dialogar. No caso do grupo de formação continuada, as estratégias de polidez direcionam-se para a manutenção de práticas

culturais dialógicas positivas que visam ao fortalecimento da identidade indígena.

P9 Pesquisadora - Tendo em vista a leitura do livro “SOMOS PATRIMÔNIO”, o professor pode propor aos alunos que, em casa, conversem com seus avós, vizinhos, ou conhecidos mais velhos e peçam a eles para que os ensinem algo que eles considerem de grande importância (exemplo: uma receita, uma história, um ofício, uma piada, um remédio, uma dança, etc...). Feito isso, os alunos devem trazer esses aprendizados para a sala de aula para, em uma dinâmica de grupo, compartilhar aquilo que apreendeu com os colegas.

C23 - é um livro muito interessante, onde os próprios índios mostram suas formas de ver e viver o mundo e através dela podemos entender um “pouco” da cultura indígena. O que me chamou atenção é um dos temas é a Retomada da Educação, onde a autora questiona o nome das nossas escolas indígenas, que muitas vezes não tem significado nenhum pra uma comunidade... e realmente é uma questão de se pensar...

C24 - Indo mais além. O que achei ainda mais interessante, sobre a linguagem, não se preocuparam em usar o português correto, aliás não somos obrigados a falar correta uma língua (sotaque) emprestada

C25 - Legal o seu olhar atento no livro, obrigada pelas contribuições que provoca o não índio pensar.

C26 - Olha, eu li o anúncio e fiquei arrepiada, pois é maravilhoso não só no anúncio, mas principalmente pelo ensinamento que nos traz é muito rico tudo inclui verdade, prazer em fazer em conhecer em contribuir ter paixão por aquilo que faz e principalmente por aquilo que é.

A P9 contribuiu para que os pesquisadores repensassem propostas de formação continuada para problematizar, refletir, partilhar saberes diversos. Com esteio nas palavras de Brown e Levinson (1987), a P9 ao lançar um olhar para o contexto cultural indígena, possibilitou uma interação inclusiva na intensificação do interesse pelo outro.

Nesse sentido, como relata Kenski (2007), podemos criar novos usos de recursos tecnológicos na escola e na universidade, sendo assim, as conversações mediadas pelo *facebook* entre professores indígenas e não indígenas possibilitaram explorar novos caminhos para a formação continuada refletindo criticamente sobre as questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem diante dos avanços tecnológicos e frente a uma realidade de situações diferenciadas de acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem com os pares é evidenciada como uma estratégia positiva de interação na formação desses professores indígenas Terena, com propostas de diálogos com pesquisadores, fortalecendo e ampliando os saberes e fazeres, respeitando suas realidades específicas e particularidades.

As interações apresentam uma estratégia positiva de inclusão de saber ouvir o outro no sentido de negociação, provocando a manifestação de interesse e de atenção dos professores indígenas e não indígenas sobre assuntos relacionados às práticas pedagógicas com a inserção das TIC.

A experiência de uso do *Facebook* como espaço de formação continuada foi relatada pelos professores como rica, relevante e desafiadora, pois possibilitou aprendizagens, maneiras de estar sempre atualizado e em processo de estudo. A rede social *facebook* é vista como um lugar, mesmo que virtual, de (co)produção de valores, costumes, conhecimentos e linguagens.

As vozes expressas pelos professores indígenas terenas indicam a preocupação do fortalecimento da própria identidade e os desafios que as TIC trazem junto a eles. Para eles, é preciso não se afastar das tradições, raízes, costumes, rituais que são vitais para a comunidade escolar. A identidade está relacionada ao pertencimento étnico e está em contínua transformação pelas representações e interpelações nos sistemas culturais em que estão inseridas.

POLITENESS STRATEGIES IN CONVERSATIONS MEDIATED BY FACEBOOK AMONG INDIGENOUS AND NON INDIGENOUS TEACHERS IN CONTINUED FORMATION

Abstract: *In this article, we present the discussion about technological questions, interaction and dialogism and we analyze the use of politeness strategies in conversations mediated by computer interactions occurred in facebook social network. The participants of the formation are teachers and researchers students from a private university of Mato Grosso do Sul, belonging to GETED, and teachers from an Indigenous School at Taunay district, a county of Aquidauana, from Terena ethnicity. The achieved results show that the learning with pairs is a positive strategy of interaction and inclusion of these Terena Indigenous teachers, strengthening and widening their knowledge and practices, respecting their specific realities and particularities.*

Keywords: *Teachers Continued Formation. Politeness Strategies. Social Networks. Indigenous and Non Indigenous Teachers.*

NOTAS

- 1 Por interface entendemos “um termo que, na informática e na cibercultura, ganha o sentido de dispositivo para o encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica”
- 2 Vídeo: Projeto Rede de Saberes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OAYe4hy4EwQ>>. Acesso em: 25 abr 2015.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Apresentação: as múltiplas formas de narrar a escola. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 7, n. 2, p. 5-7, jul.-dez, 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/introducao-alves.pdf>>. Acesso em: 3 maio de 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: GOODY, E. N. *Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. p. 56-289.
- _____. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: CUP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- CAJAL, Irene Baleroni. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? In: COX, M. I. P. & ASSIS-PETERSON A. A. (org.). *Cenas de Sala de Aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo, Cortez, 1983.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Curitiba, Editora Positiva: 2004.
- GODOI, Elena. O que as ciências da linguagem podem dizer para os estudos

em comunicação organizacional. *Organicom*. São Paulo, v. 5, n. 9, p. 50-66, jul./dez. 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LAKOFF, Robin. The logic of Politeness; or, minding your p's and q's. *Papers from the 9th Regional Meeting*. Chicago: Linguistics Society, 1973, p. 292-305.

LEECH, Geoffrey Neil. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

_____. Politeness: Is there an East-West Divide? *Journal of Foreign Languages*, n. 6, general serial n. 160, p. 1-30, november, 2000.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago; TAVARES, Roseanne Rocha. Globalização, interação e letramento crítico: formação continuada de professores em contexto digital no Brasil. In: Roseanne Rocha Tavares; Diana Brydon. (Org.). *Letramentos Transnacionais: mobilizando conhecimento entre Brasil/Canadá*. 1ed. Maceió: EDUFAL, v. 01, 2013. p. 65-75.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Marcushi, L.A.; XAVIER, A.C (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANTOS, Edméa Oliveira; SILVA, Marco. Avaliação *Online*: O modelo de suporte tecnológico do Projeto TelEduc. In: *Avaliação da Aprendizagem em Educação Online*, Edições Loyola, 2006.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; ALMEIDA, Cláudia Zamboni. Interface gráfica e mediação pedagógica em ambientes virtuais: algumas considerações. In: CONAHPA 2006 - *Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem*, 2006, Florianópolis. Anais do CONAHPA 2006. Disponível em: <http://ccet.ucs.br/pos/especializa/ceie/ambiente/disciplinas/pge0946/material/biblioteca/sacramento_zamboni_conahpa_2005.pdf>. Acesso em: 14 jan 2015.

WALSH, Catherine. *La educación Intercultural en la Educación*. Peru: Ministério de Educación. (documento de trabalho), 2001.